



Um conflito de memória: a invisível cidade operária

Francisca Ferreira Michelin*

Resumo: Analisam-se dois processos de patrimonialização em duas cidades, uma uruguaia, outra brasileira, observando como é possível a partir da comparação, identificar um conflito de memória no caso brasileiro. Debruça-se no estudo comparativo de dois casos: a cidade de Fray Bentos, no Uruguai e a cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, partindo de um elemento em comum, o Frigorífico Anglo, em ambos os lugares, desativado. Qualificam-se os casos em extremos opostos e propõe-se a interpretar a cidade obreira uruguaia e a brasileira, que não se quer lembrar assim. Empregam-se as categorias de tropismo patrimonial, bulimia patrimonial, metamemória e sociotransmissores, apresentadas pelo antropólogo Joël Candau, para analisar ambos os processos. Identificam-se as diferenças, relacionam-nas com os processos de patrimonialização e interpreta-se o conflito de duas identidades na cidade de Pelotas que não se permitem compartilhar o campo das subjetividades. Observa-se, sobretudo, o papel da fotografia na comparação entabulada e avaliam-se suas possibilidades na ratificação de discursos memoriais e identitários.

Palavras-chave: Cidade; Patrimônio industrial; Fotografia; Memória; Identidade.

Abstract: It is analyzed two heritage's processes in two cities, one Uruguayan, another Brazilian, observing how it is possible, from the comparison, identifying a memory conflict in the Brazilian case. Is focused on the comparative study of two cases: the city of Fray Bentos, Uruguay, and the city of Pelotas, Rio Grande do Sul, from a common element, the Anglo Refrigerator disabled in both places. Qualify cases at opposite ends and it is proposed to interpret the Uruguayan and Brazilian city worker, who did not want to remember that. Are employed the categories of tropism, bulimia, metamemory and sociotransmissores presented by anthropologist Joël Candau, to analyze both processes. Are identified the differences, relating them with the heritage is processes and interprets the conflict of two identities in Pelotas that does not allow you to share the area of subjectivity. It is observed, especially, the

* Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Contato: francisca.michelon@ufpel.edu.br.



role of photography in the comparison and it is evaluated their chances in the ratification of memorials and identity discourses.

Keywords: City; Industrial heritage; Photography; Memory; Identity.

Introdução

Este texto divide-se em cinco breves partes: a primeira apresenta as categorias com as quais se aborda a comparação estabelecida entre o caso de uma cidade gaúcha, Pelotas e outra uruguaia, Fray Bentos. Na segunda e na terceira parte, apresentam-se ambas as cidades a partir do advento do Frigorífico Anglo, empresa do poderoso capital inglês do grupo Vestey Brothers que montou unidades industriais na América. Na quarta, descrevem-se os acervos fotográficos disponíveis sobre os dois frigoríficos. Na última, analisa-se o fenômeno de patrimonialização, diferente nas duas cidades, relacionando-o com a identidade que se construiu para cada caso.

As categorias que se empregam na análise advêm dos estudos do antropólogo Joël Candau, sobretudo naqueles em que se dedica a escrutinar o novo de sentidos que acarreta ou envolve o fenômeno que o autor identifica como “compulsão memorial” (CANDAU, 2009). Ao buscar as raízes do fenômeno, que pode ser observado em suas ocorrências concretas, separa conjuntos de circunstâncias que parecem caracterizar os processos de patrimonialização. Segundo o autor, esses processos seriam a manifestação mais evidente de tal impulso de memória desmedido, que tende, pela hipérbole valorativa que desencadeia, a fomentar sentidos de consensualidade onde, de fato, instauram-se conflitos.

Assim, inicia o autor por explicar aquilo que nomeia como Tropismo Patrimonial. Explica que este é a ação ou movimento em direção à memória e, portanto, pode ser compreendido como o motor de partida do processo de patrimonialização. A energia que anima este motor é o desejo pelo que já não pertence ao presente. Candau (Ibid., p. 44) comenta que este desejo toma a forma de uma espécie de bulimia patrimonial que lhe vem sugerida nos contornos da bulimia comemorativa enunciada por Pierre Nora: uma onda avassaladora que faz o mundo erigir comemorações ao passado, de formas e espécies incontáveis. As razões para esse movimento são apontadas por muitos como sendo um medo generalizado do vazio de sentidos ou o exacerbado individualismo atomizante, raiz da dissociação e, conseqüentemente, da impossibilidade de compartilhamento. O resultado é o



desequilíbrio entre o ser e o coletivo e, portanto, uma angústia a ser superada pelo retorno a um todo ao qual se pertence. Portanto, os patrimônios passam a ser veículos favoráveis a, ou colaborativos com, outro processo: o da construção social de identidades. Segundo Candau, na vida prática, as identidades se processam por meio de uma operação que tende a essencializar conteúdos e características pelas quais os indivíduos podem operar a identificação de grupos nos quais se reconhecem, em contraponto a outros grupos nos quais não se reconhecem. E, como diz o autor, o que faz possível tal raciocínio essencialista é a memória.

A relação que Candau estabelece entre memória, identidade e tradição tem implicações de base nos processos de patrimonialização. Essencializar, para o autor, é uma ação que coaduna as três categorias, tornando-as indispensavelmente inerentes umas as outras. Estabelece-se, como consequência, um movimento que as entrosa continuamente, mas que necessita um fato para a sua resolução. Pode-se dizer que o patrimônio é esse fato consubstanciado, que ao mesmo tempo é resultante do processo e é fenômeno que autentifica a essência identitária, movida pela memória desde a tradição.

Ainda, no bojo das reflexões engendradas, Candau enuncia o tropismo como o movimento que dá corpo ao processo de patrimonialização e que se opera sobre vetores. São muitos os vetores, mas destaca apenas dois: a metamemória e os sociotransmissores. A primeira o autor define como a substância do discurso patrimonial, ou seja, é o veículo que faz pensar no conteúdo que veicula como sendo a memória compartilhada, afirmando valores coletivos e colocando-os sob a tutela da certeza. É um artifício que cria a representação de um passado comum e compartilhado, dando, desse modo, o contorno coletivo de uma memória que essencializa o passado, qualificando-o como tradição. Para Candau (2009, p. 51), é nessa circunstância que se institui todo o discurso sobre o patrimônio, porque: “Enquanto fenômeno metamemorial, ele [o patrimônio] contribui para a ilusão holista, quer dizer, a representação do grupo de pertencimento como um todo homogêneo, integrado e dotado de uma essência”.

Quanto aos sociotransmissores, Candau os explica como sendo toda e qualquer circunstância, fato ou objeto que seja capaz de suportar a transmissão memorial. Compete aos sociotransmissores promover a experiência memorial compartilhada e, sobretudo, induzir o trabalho de memorização sobre o mesmo fato, da mesma suposta maneira. Ou seja, os sociotransmissores são os vetores que dão materialidade à experiência coletiva, oferecendo certeza aos valores que rendem ao patrimônio a sua condição essencial.



Na sequência do texto, identifica-se na história da patrimonialização de cada frigorífico como os vetores operaram e a resultante do processo, para, em seguida, tentar compreender, dentro da lógica da estrutura proposta por Candau, o que pode ter ocorrido no caso pelotense.

O Frigorífico Anglo de Fray Bentos – um processo de patrimonialização expansiva

O remanescente do Frigorífico Anglo da cidade uruguaia de Fray Bentos, capital do Estado de Rio Negro, é um grande conjunto de edificações que ainda mantém a configuração final de quando fechou suas portas, no final da década de 1960. A ação do tempo sobre o conjunto o tingem com as cores do pretérito, fazendo do silêncio um somatório de ecos envolvente que leva o visitante a imaginar os muitos tempos vividos naquele lugar. Está preservado, salvaguardado pelas ações do Estado que iniciou o processo de patrimonialização em 1987. O fechamento da fábrica em 1968 foi decisivamente impactante para a região e o país. A história desse frigorífico inicia em 1924 quando o Grupo Vestey Brothers arrenda a *Liebig's Extract of Meat Company Limited* transformando-a no *Frigorífico Anglo del Uruguay* (EL OBSERVADOR, 2011, p. 18).

Figura 01 – Fotografia com vista geral do Frigorífico Anglo de Fray Bentos / Uruguai



Fonte: Acervo da fototeca do Archivo Nacional de la Imagen del Sodre.
Reprodução digital feita em 2012.

Como a estrutura que havia antes já era grande, os acréscimos e novas construções habilitaram uma fábrica para um processamento diário de mais de 5.500 animais por dia (BERNHARD, 1970, p. 20), produtividade que exigia um volume de mão de obra que a região, e o próprio país, não tinha condição de suprir. Essa demanda gerou uma situação peculiar, que caracterizou determinadamente a composição étnica da região. Só entre 1924 e 1934, imigrantes de várias nações europeias aportavam em Buenos Aires e depois seguiam para o Uruguai, a fim de se juntarem a tantos outros estrangeiros que trabalhavam no frigorífico. Milhares de pessoas, deslocadas de suas nações em processos migratórios formaram a sociedade desta região e, sobretudo, a mão de obra do Anglo nesse país (TAKS, 2009, p. 211). A poderosa indústria da carne, da qual o Anglo fazia parte, constituía um monopólio sólido e intransigente, que determinou por cerca de cinquenta anos o comportamento da economia na região de Rio Negro. Da mesma forma impositiva e inegociável que chegou, partiu. No final do ano de 1967, o grupo empresarial anunciou ao governo uruguaio que estava saindo do país e ofereceu a planta de Fray Bentos para venda. Diante da hecatombe social que a notícia significava, o Estado Uruguaio acedeu à compra. No entanto, o pior fato ocorreu em 1969, quando o Ministério da Agricultura e Alimentação



britânico proibiu a importação de carnes do Uruguai em função da febre aftosa. Nesse momento, o extinto Anglo já estava sob a gestão do Frigonal (Frigorífico Nacional) que havia assumido a obsoleta planta industrial e lutava para manter parte da gigante fábrica em funcionamento. Com tal golpe, não restou outra opção senão findar todas as atividades do frigorífico em 1969, mantendo apenas o matadouro, que perdurou sofredamente até o fechar definitivo das portas em 1971 (DOUREDJIAN, 2009, p. 17). A cidade agonizou nesses anos. Todas as tentativas foram feitas, até a derradeira, em 1979, que foi arrendar a planta a uma empresa árabe que, igualmente às anteriores, fracassou na tentativa de reativar o frigorífico (CAMPADÓNICO, 2000, p. 101). Sem alternativa, o trabalho operário findou neste lugar.

Desse momento em diante, quando a função laboral do lugar cessou definitivamente, deu-se início ao processo memorial que, em 23 de junho de 1987, resultou na declaração do complexo fabril e bairro operário como *Monumento Histórico Nacional*. Em oito anos a nação uruguaia outorgou ao lugar a proteção máxima em nível nacional. Outros sete anos se passariam para que, nos primeiros meses de 2005, fosse inaugurado o *Museo de la Revolución Industrial*, instalado em um dos edifícios mais antigos do complexo. O passo seguinte ocorreu com a ampliação da área já protegida, no ano de 2008, e a aplicação de um novo título: *Sistema Patrimonial Industrial Anglo*. Simultaneamente, criou-se a *Comisión de Gestión Anglo*, formada pela *Intendencia Departamental de Rio Negro*, a *Comisión del Patrimonio Cultural de la Nación* e a *Dirección Nacional de Ordenamiento Territorial*. Na continuidade desse processo de patrimonialização expansivo, sob a entrada de *Paisaje Cultural Industrial Fray Bentos*, o Uruguai obteve incluir o bem na lista indicativa da UNESCO para ser declarado como Patrimônio Cultural da Humanidade. No ano seguinte, o órgão internacional classificou a proposta como Projeto Piloto, e enquanto se escreve este texto, o processo se encontra em curso auspiciando vir a integrar a lista definitiva.

Entende-se perfeitamente como na atribuição de valor ao lugar, o conceito expande-se: inicialmente o bem é a fábrica, em um segundo momento é a fábrica e o entorno e, por último, toda a cidade. Desse modo, também os sociotransmissores ampliam-se. Se no início do processo de patrimonialização o bem era o conjunto dos prédios, objetos, máquinas, documentos, no final, a paisagem inscreve-se como sociotransmissor, ou seja, a relação entre os suportes materiais e imateriais. A própria visita ao espaço, que abrange o Museu, mas não se restringe a ele, é um sociotransmissor que ativa no visitante o compartilhamento da memória fabril que se processa ali. Assim, o visitante torna-se um vetor desta memória. Observa-se como isso acontece quando se verifica a existência de vários blogs de viajantes na



internet que apresentam fotos feitas pelos visitantes. O outro vetor forma-se no discurso oficial que se veicula pela musealização do espaço, dos documentos, dos objetos, das entrevistas gravadas e transcritas, nos depoimentos, inclusive nos depoimentos de visitantes que podem ser deixados no livro de visitas ou compartilhados nas redes sociais. Todo o material de divulgação deste patrimônio realça o processo de ampliação do espaço e reforça a consideração da paisagem como o contorno que determina o nível de proteção auspiciado.

O discurso patrimonial é reiterativo do reconhecimento do nome da cidade fora do país e, até mesmo, das Américas. Assim, a metamemória apresenta o objeto da patrimonialização essencializado, imanente do lugar, evidenciando que o tropismo patrimonial do processo do Frigorífico Anglo corresponde a um desejo de memória que parte da existência do frigorífico, estendendo a monumentalidade do conjunto para um momento que o antecede, localizado nos empreendimentos originários do século XIX. Neste processo, a compacidade do tempo dilui-se enquanto se expandem os limites territoriais do bem. Toda a nação compartilha a memória desta fábrica – ou que crê que compartilha - e encontra na sua trajetória, o substrato para enunciar uma identidade nacional, que se constrói à medida que o discurso refere o rio Uruguai, os ingleses, o continente europeu e o nome de Fray Bentos nas latas de carne preparada, que eram distribuídas em toda a Europa e em outros continentes e que, meritoriamente, alimentaram as tropas em guerra, durante os conflitos mundiais.

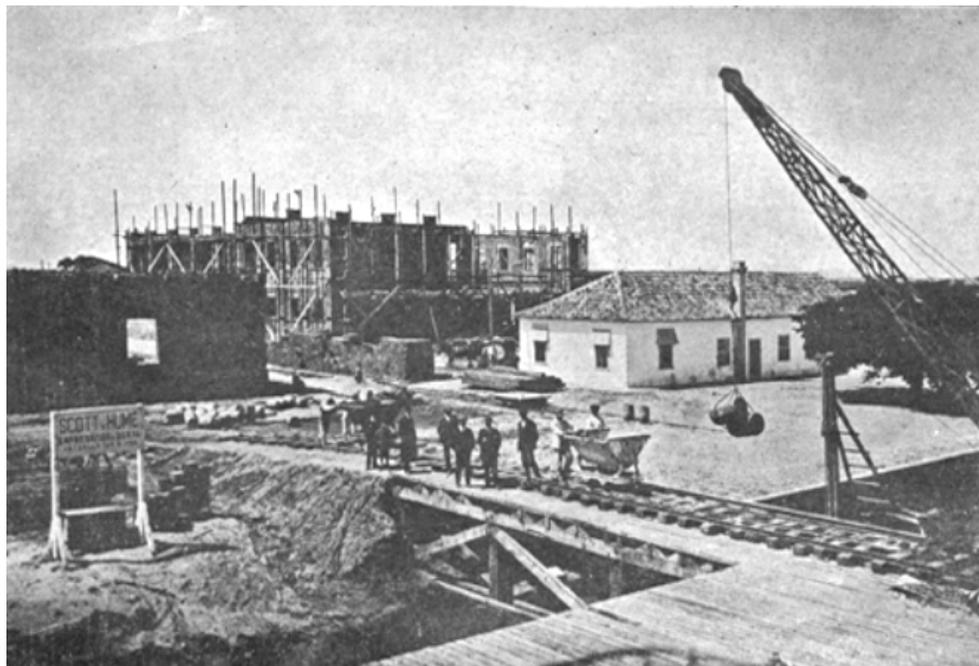
O Frigorífico Anglo de Pelotas: a presença fantasmal

Também o Frigorífico Anglo de Pelotas instalou-se sobre outra estrutura já existente, a do Frigorífico Sulriograndense. Na época em que o Grupo Vestey Brothers comprou essa fábrica, outros frigoríficos já estavam instalados e em forte funcionamento no Estado do Rio Grande do Sul: havia o Swift e o Armour nas cidades do Rio Grande e Santana do Livramento, ambos inaugurados em 1917, outra unidade do Swift em Rosário do Sul, em funcionamento desde 1918, e ainda uma unidade da Wilson and Co Ltda, também em Santana do Livramento, logo passou a operar. Portanto, a tentativa do capital nacional de integrar a indústria da carne não encontrou viabilidade em uma região já dominada pelo hegemônico capital estadunidense.

Sabe-se, pelas fontes, que o Frigorífico Sulriograndense desejava ser um empreendimento vultoso (Figura 2) ocupando um vasto terreno doado pelo Município e significativo investimento na construção dos três prédios nos quais funcionaria a indústria.



Figura 2 - Fotografia da Construção do Frigorífico Rio Grande



Fonte: *Almanach de Pelotas* de 1919.

A construção iniciou em janeiro de 1918, com as obras de um ramal férreo, de um trapiche, de oficinas e depósitos próprios para um frigorífico. Era projetada para abater 500 rezes por dia. Uma matéria publicada no *Almanach de Pelotas* de 1921 (p. 291-293) informa que os construtores Scott e Hume, tinham experiência acumulada pela execução de vários outros frigoríficos na Argentina. O que se vê na figura 3 é um empreendimento grande, moderno para a época e que, talvez, em outro contexto, tivesse dado certo.

Figura 3 – Fotografia do Frigorífico de Pelotas, já concluído, tomada do Canal São Gonçalo



Fonte: *Almanach de Pelotas* de 1921.

No entanto, o fracasso sobreveio e no ano seguinte, esse grande investimento foi comprado pelo grupo inglês. Depois de comprado, foram feitos alguns abates até 1926, ano em que se encerraram todas as atividades. Década e meia se passou, até que em 1942 iniciaram as obras de construção e adequação do novo Frigorífico, que duraram 20 meses, o que foi pouco tempo se considerada a estrutura que foi erguida. Em 17 de dezembro de 1943, o empreendimento foi inaugurado e os portões da fábrica se abriram para visitação. A cidade não vira, at e aquele dia, uma ind ustria daquele tamanho e estrutura. De fato, constituiu-se “[...] na maior realiza o industrial desta cidade”, como noticiou o jornal *Diário Popular* (17/12/1943, p. 8) em longa matéria publicada no dia da inaugura o.

Inaugurado no curso da Segunda Guerra, a meta deste Frigorífico era atingir rentabilidade das outras unidades mais próximas (Fray Bentos, no Uruguay; Berisso, na Argentina; Barretos e Mendes, respectivamente, em São Paulo e Rio de Janeiro). A demanda na Europa, em especial por carne enlatada, era enorme. Assim, a planta industrial foi projetada para o abate de mil bois por dia, concomitante a quinhentos suínos, quinhentos ovinos e mil aves. O trabalho nesta fábrica empregava mão de obra local e oriunda de vários lugares do Estado. Em alguns momentos, a cidade convergia para os portões do Anglo, em vários horários diferentes, todos os dias da semana, efervescendo o ritmo da produ o que se dava em seus seis hectares de extensão. Os prédios austeros, a chaminé imponente e o nome Anglo escrito no frontão mais alto estiveram afirmativos por cinco décadas. A partir dos anos



de 1970, o panorama da indústria da carne muda nas Américas. Os investidores locais vão adquirindo maior gerência em acordos e o capital nacional ganha espaço em diversos países latino-americanos. Isso ocorreu no Brasil. Conseqüentemente, o interesse do capital estrangeiro começou a tirar o foco da indústria frigorífica. Em 20 anos, as empresas nacionais multiplicaram-se e se tornaram mais fortes, razão que fez com que os grupos multinacionais decidissem por outras bandeiras mais lucrativas. O Grupo Vestey Brothers abandonou o investimento em frigoríficos no Brasil no início da década de 1990, fechando as unidades periféricas e concentrando recursos em Barretos. Em 1993 a empresa saiu definitivamente de Pelotas. Os prédios ficaram apenas com as estruturas que não puderam ser retiradas. Não restou na cidade documentos que elucidassem a vida e o trabalho no frigorífico. No entanto, o imponente conjunto permaneceu, incitando a memória de gerações que viveram no entorno da fábrica, trabalhando nela, tirando dela seu sustento.

O processo de patrimonialização ainda levou alguns anos para se instaurar. A metamemória se estabeleceu fragmentada, em discursos incompletos, nem sempre convergentes. O complexo, então vendido para uma empresa que não o utilizou totalmente, ia tendo ocupações eventuais. Tal como em Fray Bentos e em tantas outras situações semelhantes, houve a tentativa dos antigos operários de reativar parte do trabalho em um sistema de cooperativa. Tentativas que redundaram em insucesso: o gigante não despertou. Enquanto isso, a vila ao lado do frigorífico, surgida espontaneamente, por ocupação dos funcionários que vieram para a cidade trabalhar no complexo já nos anos de 1940, vivia aquele espaço como uma extensão das ruas em que habitavam: crianças brincavam, as escolas do entorno levavam turmas para ter aulas ao ar livre e tantas outras coisas, que as narrativas dos moradores fazem lembrar. Do alto da ponte que separa os municípios de Pelotas e Rio Grande, enxergava-se o reflexo da estrutura sobre as águas mansas do canal São Gonçalo, e o nome Anglo, que resistia ao tempo, anunciava o passado no grande frontão.

Já nos anos 2000, o governo municipal iniciou o inventário dos imóveis considerados patrimônios da cidade. A lista do inventário da Coordenadoria do Patrimônio Cultural do ano de 2003 não inclui o frigorífico. No entanto, o novo Plano Diretor da cidade, em vigor a partir de 2008, aprimorou os mecanismos do inventário.

Enquanto isso, a Fundação Símon Bolívar adquiriu a planta do Anglo e doou em torno de 65% do conjunto para a Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). O restante entrou em um negócio com uma empresa que demoliu parcialmente o prédio onde estava o frontão e todo o seu entorno. A grande casa das máquinas, onde ainda sobravam duas rodas enormes dos



compressores para o sistema de refrigeração por amoníaco, foi derrubada e todas as estruturas foram desmanchadas. A empresa, em determinado momento, retirou o negócio. Nesse interim, o complexo foi inventariado em nível 2 de proteção. A ação chegou tarde para muitos dos elementos que davam sentido ao lugar: a rampa de subida dos animais, os prédios remanescentes do Frigorífico Sulriograndense, a cobertura de cimento penteado dos anos de 1940, e outros, que se perderam irresoluvelmente. Houve, do momento do fechamento até a transferência para a UFPel, um trabalho de dissertação sobre os operários do frigorífico, que foi publicado pela Editora da Universidade anos após (JANKE, 2007). Com o passar do tempo, alguns projetos se dedicaram a contemplar, especialmente, a comunidade vizinha ao extinto frigorífico. No entanto, inexplicavelmente, o processo de patrimonialização não evolui. Embora a comunidade fale sobre a fábrica, ainda intensamente, e seja recorrente em qualquer comentário identificar-se pessoas que trabalharam ou tiveram parentes que trabalharam no Anglo, a convergência desses vetores não ocorre e o discurso metamemorial não se firma. A vontade de memória se manifesta, mas algo impede que o processo se firme.

Além das obviedades que diferenciam o caso das duas cidades, o que mais oblitera a patrimonialização do Anglo pelotense?

As fotografias

A fotografia em qualquer processo de patrimonialização é um sociotransmissor muito afirmativo dada a sua inerente competência documental associada ao mecanismo de presentificação (ilusória) do passado. Portanto, observar o processo ilustrando-o com a circunstância dos acervos fotográficos relacionados ao bem é um caminho possível para conjecturar respostas possíveis à pergunta anterior.

Durante o período no qual o espólio do Frigorífico pelotense esteve fechado, foi frequente fotógrafos amadores obterem permissão para fotografar o conjunto e o interior dos seus prédios. Algumas dessas fotografias foram expostas em mostras ocasionais. Quando a UFPel adquiriu parte do conjunto, as portas oficialmente abriram-se para os curiosos municiados de câmeras e aí o volume de imagens geradas aumentou. A própria instituição gerou oficialmente fotos do conjunto enquanto se processavam as obras. Esse impulso documental revela a vontade de memória, tanto quanto o impacto visual da estrutura sólida, fria, imponente e abandonada. Houve, inclusive, um documentário no local filmado por um cineasta amador. No entanto, a própria ocorrência desses fatos não é fácil de ser



sistematizada. São documentos que não foram associados, inclusive os gerados pela instituição. Sobre as fotografias históricas, a localização tem sido árdua. Descendentes de pessoas que tiveram cargos na empresa foram procurados, mas o retorno é pálido. E, como já foi dito, nada foi deixado pela empresa. O melhor acervo ainda são as fotografias impressas encontradas em algumas fontes primárias (publicações da época). O resto é um vazio opaco que dilui a memória. O contraste com o Anglo de Fray Bentos é inegável.

Figura 4 – Sala das máquinas no Frigorífico Anglo.



Fonte: Acervo da fototeca do Archivo Nacional de la Imagen del Sodre.
Reprodução digital feita em 2012.

Para este estudo foram consultadas duas coleções fotográficas sobre o Frigorífico Anglo de Fray Bentos. A primeira pertence ao *Archivo Nacional de la Imagen* do *Servicio Oficial de Difusión, Radiotelevisión y Espectáculos*, cuja sede se localiza em Montevideo. Cumpre a esta divisão reunir, sistematizar e disponibilizar coleções de filmes, fotografias e vídeos sobre a nação. A fototeca do Archivo possui um acervo com mais de 100 mil negativos¹, sendo a maioria em suporte de vidro, ou seja, são matrizes históricas. No entanto, a coleção do Frigorífico Anglo de Fray Bentos é integralmente constituída por positivos em papel. Uma parte foi digitalizada, no entanto, a coleção não recebeu tratamento, o que equivale dizer que a informação não foi sistematizada. Embora esse fato dificulte a identificação e a datação das imagens, muitas falam por si. A Figura 4, por exemplo, registra uma das salas das máquinas, que ainda se mantém na atualidade.

A segunda coleção encontra-se no *Museo de la Revolución Industrial*. A sala de exposições ocupa o local onde se produzia o fertilizante de base orgânica inventado por Justus von

¹ Informação disponível em <<http://www.sodre.gub.uy/Sodre/Sodre/Servicios/Archivodelaimagen>>. Acesso em: mar. 2013.



Leibig, e que, secundando o extrato de carne, foi um produto rentável e imensamente consumido no mercado europeu. Já na sala de exposições encontram-se reproduzidas fotografias que apresentam a história das fábricas desde o século XIX (Figura 5).

Figura 5 – Fotografia da sala de exposições do Museo de la Revolución Industrial na qual se percebem as reproduções de fotografias que registram importantes momentos da indústria. Na fotografia desta figura vê-se a construção do imponente edifício das câmaras frias.



Fonte: Fotografia de Francisca Michelin, 2013.
Acervo da autora.

Parte do acervo está identificada, mas tal como no conjunto do *Archivo Nacional de la Imagen*, mesmo não estando identificadas essas fotografias contém muita informação e colocam luz no que era a atividade laboral nos frigoríficos. Ambos os arquivos evidenciam um fato que deve ter ocorrido na unidade pelotense: a própria indústria gerava documentação sobre suas fábricas, por muitos motivos. No entanto, manter esta documentação deve ter sido uma consequência de como cada fábrica encerrou suas atividades. No caso uruguaio, ao contrário do que ocorreu em Pelotas, quando a fábrica foi vendida para o Estado, tudo dentro dela, inclusive o arquivo documental, deve ter permanecido como parte do conjunto negociado. Em Pelotas, a empresa que adquiriu a fábrica contratou a compra em outras circunstâncias e pode ter recebido a planta já vazia. No entanto, sobretudo, observa-se que a diferença determinante entre os dois casos está no processo de patrimonialização que ocorreu no Uruguai, muito rápida e intensamente, e muito tardiamente em Pelotas. No segundo caso, a documentação desapareceu ou foi sendo dissociada do objeto que registrava de tal modo que parece nunca ter existido. E o impacto dessa circunstância é que o passado parece inexistente



como se nada tivesse ocorrido e qualquer coisa que se diga ou afirme no presente seja resultado de uma invenção da memória.

Conclusão

Como diz Candau (2009, p. 53): “A obsessão identitária conduz a pensar um patrimônio contra o outro (...)”. Sugere-se que essa pode ser a resposta para o processo de patrimonialização que se opera no caso do Frigorífico Anglo de Pelotas. O conflito de memória que se estabeleceu não diz respeito aos vetores que não se instituem porque fraquejam em força e expressão, mas a um discurso identitário que se impôs e não deseja compartilhar a existência com outro.

Enquanto que em Fray Bentos a cidade surge em torno da fábrica e toda a sua existência é marcada pelo compasso do que se produzia e das mercadorias que se mandava para os cantos do mundo com o nome da cidade, dos estrangeiros que vinham para trabalhar, das safras e das etapas dessa empresa, em Pelotas ocorre outro fato diverso. A indústria da carne foi o que fundou a cidade, mas uma indústria que se colocava à parte pela rudeza do processo e pela escravidão da mão de obra que empregava. O dinheiro desta indústria enriqueceu famílias que constituíam sua vida urbana distante das charqueadas importando modelos de viver europeu que deram, conforme a cidade crescia e se firmava, uma forma à parte daquele modo de vida das estâncias produtivas. Quando o espírito antiescravagista passou a pautar parte dos discursos políticos e sociais daquela comunidade, a cidade já tinha seus ícones de progresso emergentes: construções que lembravam as grandes cidades, praças, modos de transporte modernos, teatros, comércio intenso, etc. A indústria do charque subsidiou outros investimentos, o panorama da cidade foi incorporando elementos das cidades modelares, como o Rio de Janeiro. No entanto, eram apenas elementos. Os investidores locais, na sua maioria envolvidos com o comércio e com a indústria da carne, erigiram muitas obras que deram ao contorno urbano uma aparência que sustentava o discurso da cidade moderna, progressista, rica. Os veículos desse discurso foram se moldando e afirmando. As crises econômicas da cidade, o empobrecimento de vários setores e as mudanças políticas acabaram criando situações nas quais a visão de uma cidade com um passado melhor, mais rico e estável tornou-se persistente e desejável. Portanto, as múltiplas cidades que conformam aquilo que se deseja entender como um lugar e a multivocalidade própria da trajetória de qualquer sociedade cedeu a um único discurso reiterado em vários suportes. A cidade



operária, uma das vozes desta multivocalidade, não encontrou a brecha pela qual se afirmaria. Os vetores são sobrepujados pela metamemória de um passado glorioso, de um patrimônio que não pode ser outra coisa que o monumento.

Contudo, o tropismo memorial se manifesta em uma vontade de memória que busca seus suportes. A grande fábrica insiste em viver. As sucessivas mutilações não anulam sua presença, o vazio de passado se preenche, precariamente, com as imagens que se produziram depois do seu fechamento. As lembranças emergem em diferentes lugares. A cidade rica, culta, das casas dos charqueadores, da praça do chafariz importado, da caixa d'água escocesa, do comércio requintado, do footing, das confeitarias, dos teatros, não quer ser esquecida. Impõe-se como identidade e não deixa aflorar a outra cidade operária, que em todas as manhãs de quase cinco décadas, via a larga rua Gomes Carneiro encher-se do movimento de centenas de pessoas que se dirigiam aos portões do Frigorífico Anglo. Um conflito entre memórias, que determina o que se institui como patrimônio e o que não.

Referências bibliográficas

- ALMANACH DE PELOTAS. Pelotas: Ed. F. Paradedda, 1919 e 1921.
- BERNHARD, Guillermo. **Los monopolios y la industria frigorífica**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1970.
- CAMPODÓNICO, Gabriela. **El Frigorífico Anglo**: Memoria urbana y social em Fray Bentos. Disponível em: <<http://www.unesco.org.uy/shs/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2000/7-campodonico.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2012.
- CANDAU, Jöel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**. Pelotas, v. 1, n. 1, p. 43-58, dez. 2009/mar. 2010. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/54/53>>. Acesso em: mar. 2013.
- EL OBSERVADOR. **Historias del Bicentenario**. Montevideo, 2011.
- PREFEITURA DE PELOTAS. **Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas**. Relação dos Imóveis. Pelotas: Secretaria Municipal de Cultura; coordenadoria do Patrimônio Cultural, 2003. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/politica_urbana_ambiental/patrimonio_cultural>. Acesso em: mar. 2013.
- DOUREDJIAN, Alberto. **Sobre inmigrantes y frigoríficos**: el Anglo y los trabajadores (1924-1954). Montevideo: Tradinco S.A., 2009.
- JANKE, Neuza Regina. **Entre os Valores do Patrão e os da Nação, como fica o Operário?** O Frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970. Pelotas: Cópias Santa Cruz Ltda., 2011.



TAKS, Javier. La clase trabajadora y las obreras del Anglo. **Revista Encuentros**. Uruguay, p. 211-230, 2009.

Agradecimentos pela permissão para uso das imagens: ao Museo Nacional de la Revolución de Fray Bentos, ao Archivo Nacional de la Imagen del SODRE.

Recebido em Setembro de 2013.
Aprovado em Setembro de 2013.